



## FILIPPO SASSETTI (1540-1588), UM FLORENTINO A SERVIÇO DAS GRANDES NAVEGAÇÕES: TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA DO ITALIANO AO PORTUGUÊS DA CARTA XCV

FILIPPO SASSETTI (1540-1588), A FLORENTINE AT THE SERVICE OF  
 THE GREAT NAVIGATIONS: COMMENTED AND ANNOTATED  
 TRANSLATION FROM ITALIAN TO PORTUGUESE OF THE CHART XCV

Karine Simoni<sup>1</sup>, Karla Ribeiro<sup>2</sup>

### RESUMO

Nas viagens a Portugal, Espanha e Índias, que realizou entre 1578 e 1581 a serviço da família Medici, de Florença, o mercador florentino Filippo Sassetti (1540-1588) dedicou-se também à escrita de cartas que hoje compõem um epistolário de cerca de 126 missivas (Boutier, 1994) endereçadas a amigos, familiares e autoridades. O objetivo deste artigo é tecer algumas considerações sobre a escrita de Sassetti a partir da apresentação da tradução comentada e anotada do italiano ao português da carta XCV, considerações estas que servirão de guia para a tradução de todo o epistolário. Tal carta foi escrita de Cochim, Índia, em 1585 e endereçada a Michele Saladini, mercador de Pisa. A numeração da carta segue a edição publicada em 1855 por Ettore Marcucci, e foi escolhida por ser uma das doze cartas nas quais o autor cita o Verzino, nome pelo qual era conhecido o Brasil na península itálica na época das Grandes Navegações. O estudo tem a seguinte estrutura: apresentação biográfico-crítica do autor (Dei, 1995; Brege, 2014, 2020); reflexões acerca da escrita de cartas e da literatura de viagem, exposição dos principais temas e destinatários presentes nas cartas; e, por fim, tradução e comentários da carta XCV. A tradução e os comentários são feitos a partir das considerações de Torres (2017) sobre tradução comentada, e Berman (2013), Venuti (2019) e Eco (2014) a respeito dos Estudos da Tradução e o ato de traduzir. Nos comentários da tradução serão tratadas situações relacionadas a marcadores temporais, como formas de tratamento, questões lexicais e estilístico-sintáticas.

**Palavras-chave:** navegações séc. XVI; Filippo Sassetti; tradução comentada.

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Associada do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da UFSC, professora permanente da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4965-7196>

<sup>2</sup> Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9062-4962>

**ABSTRACT**

*On his trips to Portugal, Spain and the Indies, which he carried out between 1578 and 1581 in the service of the Medici family, from Florence, the Florentine merchant Filippo Sassetti (1540-1588) also dedicated himself to writings that compiled an epistolary of about 126 missives (Boutier, 1994) addressed to friends, family and authorities. The purpose of this article is to make some considerations on Sassetti's writing, based on the annotated and commented presentation of the translation from Italian into Portuguese of the letter XCV, considerations that will serve as a guide for the translation of the whole epistolary. This letter was written from Cochin, India, in 1585 and submitted to Michele Saladini, merchant of Pisa. The numbering of the letter follows the edition published in 1855 by Ettore Marcucci, and was chosen for being one of the twelve letters in which the author cites *Verzino*, the name by which Brazil was known on the Italian peninsula at the time of the Great Navigations. The study has the following structure: biographical-critical presentation of the author (Dei, 1995; Brege, 2014, 2020); reflections on the writing of letters and travel literature, exposition of the main themes and recipients present in the letters and, finally, the translation and comments of the letter XCV. The translation and comments were made from the considerations of Torres (2017) on commented translation, and Berman (2013), Venuti (2019) and Eco (2014) on translation and translation studies. The translation comments will deal with situations related to temporal markers, such as forms of treatment, lexical and stylistic-syntactic issues.*

**Keywords:** XVI century navigations; Filippo Sassetti; commented translation.

No século XVI, a configuração do mundo era bem diferente da forma como a temos hoje; e os avanços que desde aquela época contribuíram para chegarmos até os conhecimentos atuais dependeram principalmente de indivíduos que, partindo de variadas regiões e detentores de diversas nacionalidades, lançaram-se em direção a lugares longínquos e muitas vezes desconhecidos para ver e relatar o que haviam encontrado. De fato, escritos que retratam as viagens no contexto do expansionismo europeu do século XVI testemunham a visão de mundo dos viajantes, imbuídos de valores do mercantilismo e da concepção eurocentrista perante as populações e paisagens encontradas, e por esse motivo “identificar a forma como foram apresentadas as terras descobertas e exploradas ajuda a compreender o efeito que essas narrativas tiveram sobre o imaginário e sobre iniciativas futuras dos homens da época” (Doré, 2002, p. 313), daí a importância de estudar e traduzir textos com essas características.

Dentro da perspectiva proposta, apresentamos o objetivo deste artigo, que é o de apresentar a tradução comentada e anotada, do italiano ao português, da carta XCV do epistolário de Filippo Sassetti (1540-1588), mercador e navegador florentino que entre 1578 e 1581 realizou viagens a Portugal, Espanha e Índias, a serviço da família Medici, de Florença. Dentre as 126 cartas que chegaram até nós (Boutier, 1994), a carta XCV foi escolhida por ser uma das doze nas quais o autor cita o *Verzino*, nome pelo qual era conhecido o Brasil na península itálica na época das Grandes Navegações.<sup>3</sup> Nesta carta, além de retomar algum assunto da carta LXIII relacionado aos

<sup>3</sup> Este estudo resulta da tese de doutoramento de Karla Ribeiro, intitulada *Lettere (1578-1585): Tradução comentada e anotada de cartas de Filippo Sassetti para o português*, defendida na Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (2023), sob orientação da profa. Dra. Karine Simoni.

ventos e à viagem de Colombo e Vespúcio, Sasseti fala da variação do ímã, da navegação cuidadosa que se deve ter para chegar à Índia, do comércio de pimenta e dos fortes e armadas dos portugueses na Índia. O Brasil é citado em quatro momentos, em que o narrador alerta sobre o perigo de se navegar por sua costa e aconselha o retorno, caso o navio se aproxime de suas terras. A carta foi escrita de Cochim, Índia, em 1585, endereçada a Michele Saladini, mercador de Pisa, e a numeração segue a edição de 1855, organizada por Ettore Marcucci sob o título *Lettere edite e inedite di Filippo Sasseti*, com impressão em Florença, por ser uma das edições mais completas e dotadas de paratextos que ajudam a compreender a obra.<sup>4</sup>

Na nossa análise, consideramos as cartas de Sasseti como documento / monumento do passado que, através das mãos do(a) historiador(a) que o escolhe e retira do tempo, adquire o valor de testemunho. Esse processo não é ingênuo ou desprezioso, pelo contrário:

É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias (Le Goff, 1990, p. 547-8).

Analisar e traduzir as cartas de Sasseti requer, portanto, um entendimento de tradução que vai além da transposição de uma língua a outra, ou melhor, que não se limita a esse aspecto, pois “uma boa tradução é sempre uma contribuição crítica para a compreensão da obra traduzida” (Eco, 2014, p. 291). A carta aqui apresentada/traduzida é vista como um registro histórico que fala sobre aspectos sociais, econômicos e culturais do seu tempo e também, de modo subjetivo, sobre quem a escreve e mesmo quem a edita ao longo do tempo. Há de se destacar, por exemplo, que a atividade marítima/comercial no século de Sasseti era desempenhada de modo quase absoluto por indivíduos do sexo masculino, e os relatos que chegaram até nós de um modo geral espelham o ponto de vista viril do pensamento predominante da época, como concepções eurocêntricas, com um discurso a partir do olhar do colonizador cristão para o colonizado. É o que vemos no seguinte trecho, no qual Sasseti descreve os grupos humanos que conhece na Índia:

Da Índia vêm dois tipos de gerações: os Mouros maometanos e os Negros, que são Gentios. Os Mouros são propriamente escuros, ficando entre o cigano e o negro, gente de tanto intelecto como nenhuma outra; e na vivacidade de seus olhos se conhece a sua inteligência, mas eles têm em sua maioria uma má inclinação, pois são ladrões muito bons, e quem tem um que seja bom, tem um grande serviço dele<sup>5</sup> (Sasseti, 1855).

---

<sup>4</sup> Marcucci escreve um prefácio com informações acerca da vida, da obra e da genealogia de Sasseti. Ao final da coletânea das cartas, a edição traz um espólio de vozes e modos de dizer encontrados nas missivas, uma tabela de nomes próprios presentes nas cartas, uma lista com nomes dos destinatários e outra lista com correções realizadas pelo editor ao longo do livro.

<sup>5</sup> “D’India vengono due sorti d’ ingenerazioni: i Mori Maomettani e’ Neri, che sono Gentili. I Mori sono propriamente ghezzi, che è tra ’l zingano e ’l nero, gente di tanto intelletto, che nessuna più; e nella vivezza degli occhi si conosce il loro ingegno, ma hanno per lo più mala inclinazione, chè sono ladri finissimi, e chi n’ha uno che sia buono, ha un gran servizio di lui”. Carta XLIV. Todas as traduções, quando não indicado o contrário, são de Karla Ribeiro.

Não são incomuns nas cartas relatos como esse, em que o olhar de Sasseti caracteriza o outro com julgamentos hoje considerados preconceituosos. Com a tradução desses textos não queremos, naturalmente, dar espaço a pensamentos e atitudes abomináveis qual o racismo e outras formas de preconceito, e sim, contribuir para que o estudo do passado possa trazer ferramentas para o conhecimento das origens de problemas sociais e culturais que vivemos hoje.

Para fins de organização, primeiramente serão apresentados o autor e seu contexto histórico (Dei, 1995; Brege, 2014, 2020); em seguida, reflexões acerca da escrita de cartas e da literatura de viagem, descrição dos principais temas e destinatários presentes nas cartas; e, por fim, tradução e comentários da carta escolhida como *corpus*. A tradução e os comentários são feitos considerando-se os estudos de Torres (2017) sobre tradução comentada, e Berman (2013), Venuti (2019) e Eco (2014) a respeito dos Estudos da Tradução e o ato de traduzir. Neste artigo serão comentadas situações relacionadas a marcadores temporais, como formas de tratamento, questões lexicais e estilístico-sintáticas.

## SASSETTI: BREVES NOTÍCIAS BIOGRÁFICO-CRÍTICAS

Filippo Sasseti nasceu em Florença em 26 de setembro de 1540, filho de Giambattista e Margherita de' Gondi, uma família com tradição mercantil e com algumas posses restantes na antiga Florença. Considerado linguista, geógrafo, botânico, crítico literário e tradutor (Brege, 2020, p. 215), Sasseti foi movido talvez pelo sentimento de aventura, alguém que foi buscar em terras longínquas conhecimento e contato com outros povos, realizando negócios em favor dos Medici, tradicional família de banqueiros de grande influência política e econômica sobre Florença do início do século XV até meados do século XVIII, com o desejo de “ir lá para ver, e tocar, e escrever”<sup>6</sup> (Sasseti, 1970, p. 240). No período das viagens de Sasseti, a Coroa Portuguesa era uma das grandes financiadoras das viagens marítimas realizadas principalmente por italianos, genoveses e florentinos, de modo particular (Bruscoli, 2018). Brege (2020, p. 215) assim destaca a característica multifacetada do mercador:

As cartas que ligavam Sasseti à Florença eram capazes o suficiente de permitir a Sasseti realizar vários papéis. Às suas funções de analista botânico e coletor, Sasseti adicionava aquela de provedor de informações estratégicas. Isso abrangia desde discussões sobre a construção do novo forte português próximo a Cochim até comentários críticos sobre a grande estratégia portuguesa no oceano Índico<sup>7</sup>.

Dessa maneira, não só as viagens de Sasseti podem ser reconstruídas a partir das cartas, como também aspectos da vida social, das crenças e costumes que habitavam o imaginário da época. Para a cultura e história brasileira, a obra de Sasseti constitui-se em um documento de relevo para ajudar a compreender os primórdios da colonização portuguesa no país. Segundo os relatos de Sasseti, ele teria passado pela costa do Brasil antes de chegar às Índias: “Toda a dificuldade da nossa viagem derivou do medo que nosso piloto tinha de não voltar àquelas águas rasas

<sup>6</sup> “andare là a vedere e toccare e scrivere”.

<sup>7</sup> “The letters that bound Sasseti to Florence were capacious enough to allow Sasseti to play many roles. To his roles as botanical analyst and collector, Sasseti added that of provider of strategic information. This ranged from discussion of the construction of a new Portuguese fortress near Cochin to critical commentary on Portuguese grand strategy in the Indian Ocean.”

na costa do Brasil, de onde ele demorou tanto na Guiné, que não conseguiu, depois, sair dela”<sup>8</sup> (Sasseti, 1995, p. 45).

Encontram-se relatos sobre o incidente da costa do Brasil em mais de uma carta sassettiana, nas quais o autor sempre ratifica o perigo de navegar por tais mares. Pelo teor das correspondências, supõe-se que o referido incidente tenha acontecido em virtude das águas mais baixas que caracterizariam a região, como diversas vezes citado, daí o medo de transitar pela região. Seu interesse maior eram as terras das chamadas Índias, nas quais seria um “residente sedentário” (Doré, 2002), tendo permanecido em Cochim e Goa, e visitado Calicute. Para Dei, “Sasseti, tomado pelas responsabilidades e compromissos de seu trabalho, assim como pela própria atividade mercantil, não é o viajante habitual, que se desloca de um lugar para outro, mas um morador, que se enraíza e constrói um novo estilo de vida sedentário” (1995, p. 13).

Em janeiro de 1588 barcos portugueses partiriam da Índia com as últimas cartas escritas por Sasseti, que acabou falecendo em Goa, em 3 de setembro de 1588, sem conseguir levar a cabo seu projeto de retornar à terra natal.

Embora Sasseti tenha desempenhado um papel importante no contexto do comércio e expansão de Florença no século XVI, e ainda que suas cartas tenham deixado registros em diversos campos do conhecimento, como informações de marinaria, oceanografia, meteorologia, comércio, botânica, zoologia, linguística, etc., por mais de um século suas cartas ficaram no anonimato, e sua figura é ainda pouco conhecida, mesmo na Itália, se considerarmos o número de estudos a seu respeito. Ettore Marcucci afirma no prefácio da edição de 1855: “A vida de Filippo Sasseti não se encontra em nenhum livro”<sup>9</sup> (1855, p. I). Segundo os registros de Adele Dei (1995) e do banco de dados OPAC SBN do *Istituto Centrale per il Catalogo Unico delle Biblioteche Italiane e per le informazioni bibliografiche*,<sup>10</sup> nos séculos XVIII e XIX foram publicadas, em forma antológica, 5 edições com as cartas do navegador, enquanto no século XX foram produzidas 9 edições, sendo a única completa a organizada por Bramanti em 1970, com 126 cartas. No Brasil, um dos poucos a citar brevemente Sasseti foi Sérgio Buarque de Holanda, primeiramente em *Raízes do Brasil* (1936) (1995, p. 54), e posteriormente em *Visão do Paraíso* (1956), (2000, p. 121).

Apesar de escassas, as informações sobre o autor destacam a sua importância em várias áreas do conhecimento. Blikstein (1992, p. 105) destaca que o florentino teria sido o primeiro a revelar a relação entre as línguas, ligando a figura dele aos primórdios de uma linguística comparada:

Na verdade, as semelhanças entre o sânscrito e as línguas europeias já tinham sido percebidas bem antes do séc. XIX. Ocorre, no entanto, que a história das ideias e do pensamento não é linear; ao contrário, ela é descontínua [...] ‘a tal ponto que, reiteradamente, as mesmas coisas voltam a ser de ‘redescobertas’. Assim, já no séc. XVI, o italiano Filippo Sasseti (que morou em Goa) notara as correspondências entre o sânscrito e o italiano, sobretudo na categoria dos numerais.

Blocker afirma que Sasseti pode ser considerado um dos primeiros geógrafos da história, de modo que, “bem trabalhadas, essas cartas, a partir de suas edições ao longo do século XVIII, causaram fascínio pelas descrições detalhadas sobre a Índia e seus habitantes, fazendo com que

<sup>8</sup> “Tutta la difficoltà del nostro viaggio derivò dalla paura che aveva il nostro piloto di non tornare sopra que’ bassi nella costa del Verzino, donde e’ si tenne tanto in Guinea, che non potette di poi uscirne a posta sua.”

<sup>9</sup> “La Vita di Filippo Sasseti non si trova in nessun libro”.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.iccu.sbn.it/it/>. Acesso em: 3 fev. 2023.

alguns críticos o concebem como um dos primeiros geógrafos”<sup>11</sup> (2010, p. 32). Não deixa de ser uma espécie de “tradutor cultural” que, ao contar o que via, constrói para seus leitores imagens específicas de povos e lugares com os quais se deparou.

Milanesi apresenta como hipóteses para o “desaparecimento” de Sasseti o fato de nem todas as missivas terem chegado ao seu destino dentro do tempo previsto, sendo que algumas delas se perderam por um tempo; e também o fim do interesse comercial por parte dos Medici na região onde Sasseti era o agente, nos anos que seguiram a sua morte, o que teria também contribuído para o seu esquecimento. Pode-se inferir, a partir de tais fatos, que possivelmente existiram fatores externos, como econômicos e políticos, que impediram a divulgação do nome do mercador ao longo dos anos. Apesar dessas lacunas, o nome dele voltou a ser lembrado em 1700, porém, não especificamente como mercador, e sim devido ao seu estilo de escrita, como atesta Milanesi:

O fato é que o nome de Sasseti, mercador e estudioso de filosofia natural, reaparece somente no ano de 1700, em um local que reflete a sua personalidade mais antiga: a de literato. A partir das *Notizie* de Rilli a menção difunde-se entre as histórias literárias de início do Settecento até que, em 1744, pela primeira vez, uma parte de suas cartas é publicada como modelo e testemunho da vitalidade de um gênero literário, nas *Prose Fiorentine*<sup>12</sup> (1973, p. 3-4).

A fortuna crítica que se tem disponível hoje sobre as cartas de Sasseti concorda que seus escritos se assemelhavam a textos bem estruturados, bem redigidos, com uma linguagem diplomática e comercial cuidadosa (Tesi, 2012), com intenção de fornecer relatos acerca dos lugares visitados. Vale lembrar que ele não escrevera somente cartas, mas outras obras, entre as quais biografias, análises de obras literárias, traduções, ensaios, com destaque para a tradução de *Poetica d’Aristotele*, obra traduzida e comentada em toscano; *Lezione seconda intorno alle imprese; Risposte alle proposizioni del Castravilla, che aveva scritto contro Dante; Discorso sulla Commedia di Dante; Orazione in Morte di Tommaso Del Nero*, texto recitado na Accademia degli Alterati; *Censura dell’Orlando Furioso, di Ludovico Ariosto; Vita di Francesco Ferrucci; Elogio di Lelio Torelli; Ragionamento sopra il commercio tra i Toscani e i Levantini*; além de discursos e fragmentos de textos publicados após sua morte.

Pode-se inferir, portanto, que dentro da sua formação humanista, Sasseti tinha um bom conhecimento de obras literárias – veja-se os estudos críticos sobre Dante e Ariosto –, além do domínio da língua escrita. Contudo, não é o caso de considerar as missivas sassetianas como uma forma genuína de literatura, mas sim, como foi dito, documentos de valor histórico, com possível valorização dentro de uma literatura de viagem em virtude da linguagem esteticamente elaborada, conferindo aos escritos epistolares determinadas características literárias. A esse propósito, Schemes (2013, p. 69) afirma:

[...] é um problema definir o relato de viagem como objeto porque este é um “gênero composto por outros gêneros literários”. Borm sustenta que trata-se [sic] de uma espécie de gênero híbrido, já que se nutre de outros tipos de discursos.

<sup>11</sup> “Très travaillées, ces épîtres ont, depuis leur édition au cours du XVIIIe siècle, fasciné par leurs descriptions détaillées de l’Inde et de ses habitants, incitant certains commentateurs à concevoir Sasseti comme l’un des premiers géographes.”

<sup>12</sup> “Sta di fatto che il nome del Sasseti, mercante e studioso di filosofia naturale, ricompare soltanto nell’anno 1700, in una sede che rispecchia la sua personalità più antica: quella del letterato. Dalle *Notizie* del Rilli 17 la menzione rimbalza fra le storie letterarie del primo Settecento, finché nel 1744, per la prima volta, una parte delle sue lettere viene pubblicata, come modello di stile e testimonianza della vitalità di un genere letterario, nelle *Prose Fiorentine*.”

O crítico cita, entre os gêneros comumente encontrados nos relatos de viagem, a ficção (romances, novelas, contos, poemas etc.), a autobiografia (ou escrita de si), os discursos científicos, textos memorialísticos etc.

O caráter híbrido que caracteriza o relato de viagem, e no caso de Sasseti o relato que advém da escrita epistolar, requer atenção especial por parte de quem traduz, pois não é rara a presença de outros textos, como versos de Petrarca e Dante e reflexões filosóficas junto com aspectos de navegação e comércio. Para Brege, as cartas de Sasseti têm caráter literário e científico, performático e prático, público e privado, sendo dirigidas a diversos tipos de público, que se adequavam às circunstâncias de transmissão e recepção das cartas (2020, p. 210). Essa seria uma característica não apenas da escrita de Sasseti, mas também de outras apresentações da chamada literatura de viagem. Assim,

Para abordar teoricamente a literatura de viagens, convém ter em conta que se trata de um gênero de fronteira que se foi consolidando em torno de textos provenientes de matrizes e de contextos históricos diversos. Afirma-se, na Europa, entre os séculos XV e XVI, em consequência das viagens marítimas ao novo mundo, e assume a forma de cartas, diários, registros de bordo, relatos de naufrágio, textos de natureza plural que a viagem foram buscar formas, motivos e temas (Cunha, 2012, p. 155).

Traduzir Sasseti é, portanto, deparar-se com vários desafios linguísticos, culturais e de tipologia textual que são características do seu tempo, do tipo de escrita e também da sua atividade de sujeito com conhecimentos multifacetados. As cartas apresentam temas variados, como já acenado, e trazem informações e comentários sobre botânica, geografia, náutica, clima, ventos, viagens, astronomia, moedas, comércio, economia, costumes locais, política, o que mostra um autor atento ao mundo a ser explorado e também a questões de sua terra natal. A carta LIV, por exemplo, escrita em Madri em 7 de agosto de 1581 e endereçada a Francesco Valori, além de trazer notícias de comércio e política, faz também referência ao açúcar do Brasil, que, segundo o mercador, seria muito requisitado na época: “Sobre o açúcar do Brasil, que é em pó e é o tipo mais solicitado, apareceu, entre os brancos do segundo e do terceiro tipo, até trezentos mil, que é uma bela quantia, e com tudo isso não se vendiam a menos de 16 ducados [...]”<sup>13</sup> (Sasseti, 1855, p. 171-2). Em outra carta, descreve o exótico da fauna e flora brasileira:

Aqui existem, até onde sei, amostras estupendas de animais ferozes; e um piloto de um navio, de lá vindo este ano, trouxe a pele de uma serpente, sobre a qual havia pensado ter colocado o pé em cima de uma pedra, media quatro pés de dorso e 34 ou 35 de comprimento; o qual diz que comeria uma pantera e teria comido ele também se não o tivessem socorrido. Levou ainda o couro de um animal do tamanho da lontra, mas coberto de escamas duríssimas; tem a cabeça de tartaruga, pernas de crocodilo e as lascas das costas se encolhem umas nas outras como as manoplas de ferro e os coxotes de uma armadura; e o rabo é do mesmo material e já vem diferente de nó em nó até ficar finíssimo. Esse mesmo diz que em Pernambuco, terra do Brasil, há uma amostra esfolada e empalhada, caçada não faz muitos anos, que é quase uma Cila. Tem a cabeça e o pescoço de

---

<sup>13</sup> “De’ zuccheri del Verzino, che sono in polvere ed è la sorte più richiesta, ve ne sono compare, tra bianchi della seconda e della terza sorte, fino a trecento mila, che è una bella partita, e con tutto ciò non si vendevano a meno di ducati 16.”

um cachorro, ombros, braços e mãos de figura humana, peito e ventre de peixe e pés de pato<sup>14</sup> (1855, p. 123-4).

Segundo Doré, havia um desejo dos viajantes do *Cinquecento* em verem e ouvirem o que lhes chegava por meio da leitura e relatos a respeito do Novo Mundo e do Oriente, ao mesmo tempo em que “a preocupação em ofertar um ‘testemunho de vista’ aliava-se também ao desejo de domesticar o exótico” (2002, p. 314). Nesse sentido, as descrições detalhadas, que não raras vezes beiravam o maravilhoso, eram feitas com o objetivo de compreender a realidade para vencer o medo do desconhecido, e assim tornar possível o consumo de novos produtos na Europa. Para um tradutor ou tradutora, tais elementos e características do texto não devem ser ignorados no processo tradutório, e nesse sentido optamos por realizar a tradução de maneira a tornar visível o sujeito que traduz (Venuti, 2011, 2019), tornando-o também corresponsável pela forma como a obra é integrada ao sistema de chegada e consequente reflexão crítica a seu respeito. Nos dizeres de Eco (2014, p. 291),

Uma tradução conduz sempre a um certo tipo de leitura da obra, assim como faz a crítica propriamente dita, pois, se o tradutor negociou escolhendo dirigir a atenção para determinados níveis do texto, ele automaticamente focalizou a atenção do leitor em tais níveis. Também nesse sentido, as traduções da mesma obra integram-se entre si, pois muitas vezes nos levam a ver o original sob um ponto de vista diverso

Nossa escolha na tradução que apresentamos a seguir é a de apresentar um texto que mantenha características do estrangeiro ao público leitor, para que não apenas as ideias, mas também a estética do autor venha a ser reconhecida na língua de chegada. Ao mesmo tempo, será considerada a tentativa de não arcaizar em demasia o texto em português, considerando a negociação como prerrogativa que perpassa todo o projeto tradutório (Eco, 2014). Torna-se assim presente a consciência da busca do estrangeiro habitado no texto traduzido, e não apenas a intenção de escrever e transmitir uma mensagem (Berman, 2013). Defende-se, por fim, que ao considerar o estrangeiro como meta, o próprio tradutor torna-se visível e torna o texto reconhecido como tradução em sua cultura de chegada (Venuti, 2011).

A concepção de tradução aqui amplia-se também para outra atividade, paralela, complementar e não menos importante ao trabalho de quem traduz; atividade esta em que não apenas o texto ganha destaque, mas também o trabalho propositalmente reflexivo de quem o constrói. Esse trabalho, em forma de comentário de tradução, dá maior visibilidade ao/à tradutor/a, e coloca-o/a também no papel de leitor/a crítico/a capaz de interpretar e analisar o texto. Nas palavras de Marie-Hélène Torres, “traduzir e comentar não são duas ações tão distintas, pois podem ser intercambiáveis” (2017, p. 16), de modo que a tradução comentada pode ser considerada um gênero acadêmico-literário tal qual o resumo, a tese, o artigo (Torres, 2017, p. 18). Ao defender o reconhecimento

<sup>14</sup> “Quivi sono, per quanto io intendo, mostri stupendi d’animali bruti; e un piloto d’una nave, venutone quest’anno, ha portato la pelle d’un serpente, sul quale, pensando di porre il piede sopra un sasso, scavalcava, che è largo sul dosso quattro piedi, e lungo trentaquattro o trentacinque; il quale dice che mangiava una pantera, e mangiava anche lui, se e’ non lo soccorrevano. Ha ancora portato il cuoio d’ uno animale della grandezza della lontra, ma coperto di squame durissime; ha la testa di testuggine, gambe di coccodrillo, e la scaglia della schiena si raccoglie come fa la parte di sopra delle manopole di ferro e i cosciali d’ un’armadura; e la coda è della medesima materia, e viene giù distinta a nodo a nodo fino a che ella viene sottilissima. Dice questo medesimo, che in Fernambuch, terra del Verzino, è un mostro scorticato, e pieno di paglia, preso non sono molti anni, che è quasi la Scilla. Ha testa e collo di cane, spalle, braccia e mani di figura umana, petto e ventre di pesce, e piedi d’ oca.”



da tradução comentada enquanto gênero, Torres insere todo o processo tradutório em um lugar de destaque: o comentário da tradução torna visível o sujeito que traduz e o próprio texto traduzido enquanto tal, pois as escolhas sobre como traduzir e sobre o que comentar são pautadas no projeto e no objetivo da tradução, que é algo individual e por isso mesmo tão múltiplo quantas forem as escolhas possíveis e os sujeitos envolvidos.

Feitas essas considerações, passamos agora à tradução da carta XCV para, em seguida, tratarmos dos comentários de tradução.

## TRADUÇÃO DA CARTA XCV

### A Michele Saladini, in Pisa.

Con le due prime navi che partirono vi scrissi una lettera sola per la posta; questa sarà a cavallo a *loggaggio*, sicché non mi potrò soddisfare rispondendo alla letterona vostra. Dirovvi prima, che ho molto contento di comprendere dal vostro scrivere che voi vi siate dato alla cosmografia. Parmi che manchi poco, per certa regola che abbiamo determinata qua il signor Piero Grifo ed io di quello che bisogna a tirar gli uomini a India, a vedervici una volta comparire. E che sì... Voi credete bene voi che io mi ricordi di quello che io scrissi al Buonamico, a proposito de' venti e del Colombo: il qual Buonamico mi fece un bel servizio con quella lettera, scrivendomi il nostro Tenero, a non so che proposito, che ella andava per le mani del signor Don Giovanni. Non si può discredersi a questi tempi con un amico! Ora io credo che 'l mio argomento volesse dir questo in suo linguaggio, che que' venti libeccì, donde dicono gli scrittori che fu mosso Colombo come filosofo a fare argomento che in quella parte fosse terra, non nascono se non quivi intorno alle Canarie; di che dava per segno, che d'ogni tempo dalle Canarie per avanti verso quelle parti si trovano i venti al segno di Greco. Aggiungete la ragione che di dentro de' tropici non passano i venti fuori, *si credere dignum est*, dicendo il padre Acosta, che 'l vento Noto non ispira dall'altra Orsa, ma dal tropico, o suo limite. Questo fu l'argomento, o volle essere. Correggete o la mia lettera o 'l concetto fattone, dove dice che in altura di 4 gradi trovano il vento Greco, e con la prua per Maestro vengono alle Canarie, perchè come con la carta in mano potrete vedere, questo è impossibile, chè vanno larghi dalle Canarie 400 o 500 leghe e più; e tali si conducono a vista della terra nuova di Bavagliaos, e venuti nell'altura delle Terzere co' venti di quella terra, corrono

### A Michele Saladini, em Pisa.

Com os dois primeiros navios que partiram lhe escrevi somente uma carta por correio; esta será na pressa e fúria, já que não poderei ter a satisfação de responder a sua grande carta. Dir-lhe-ei, antes, que estou muito contente em compreender a partir de seu escrito que o senhor se encantou pela cosmografia. Parece-me que falta pouco, por certa regra que determinamos aqui o senhor Piero Grifo e eu a respeito daquilo que precisa para levar os homens à Índia, a ver-lhes uma vez aparecer. E que sim... o senhor acredita bastante, o senhor, pelo que me lembre daquilo que eu escrevi ao Buonamico a respeito dos ventos e de Colombo: o tal Buonamico me fez um belo serviço com aquela carta, escrevendo-me o nosso Tenero,<sup>15</sup> a não sei por que propósito, que ela andava pelas mãos do senhor Dom João. Não se pode discutir nesses tempos com um amigo! Agora eu creio que o meu argumento quisesse dizer isso em sua linguagem, que aqueles ventos de sudoeste, de onde dizem os escritores que foi movido Colombo como filósofo para argumentar que naquela parte existia terra, não nascem senão lá em torno às Canárias; do que dava por sinal que de cada tempo das Canárias para frente em direção àquelas partes encontram-se os ventos ao sinal de Grego. Some a razão que de dentro dos trópicos não passam os ventos de fora, *si credere dignum est*, dizendo o padre Acosta,<sup>16</sup> que o vento Noto não inspira pela outra Orsa, mas pelo trópico, ou seu limite. Esse foi o argumento, ou quisera ser. Corrija ou a minha carta ou o conceito empreendido, no qual se diz que na altura de 4 graus encontra-se o vento Grego, e com a proa para o Mistral vêm às Canárias porque, como com o papel em mãos pode ver, isso é impossível, que vão em mar aberto das Canárias 400 ou 500 léguas e mais; e tais se conduzem a vista da nova terra

<sup>15</sup> Giambatista Strozzi, chamado de Tenero por este ser seu nome acadêmico, da Accademia degli Alterati. Todas as notas, quando não indicadas o contrário, constituem-se em notas de tradução.

<sup>16</sup> Padre Gioseffo Acosta.

per quell'altura fino a che diano nell' isole; e bene spesso danno anche ne' Franzesi.

Ma per tornare al Colombo, che in quello suo scoprimento alcuno furto vi avesse d'invenzione, non ne fate dubbio; chè, oltre a qualche altro riscontro, il piloto della nostra nave mi contava quello che ho sentito altre volte, di non so che storia d'un uomo che morì, e rimasero i suoi fogli nell'isola della Madera, con non so che altre cose. E quanto al ritorno dell'Indie occidentali, avete da sapere che e' non vengono pel medesimo cammino donde e' vanno, perchè al ritorno passano dietro all'isola Spagnola (a questo tempo mi fate correre con la carta da navigare): dico la flotta di nuova Spagna e quella di terraferma, le quali passano per quel canale che fa la Cuba con la Florida; e uscendo di tra que' bassi si gettano per l'Est Nord-Est (o volete Greco Levante), e vanno alla Bermuda, dove si giuntano con la flotta di San Domingo, e quivi co' venti di quella costa si conducono al medesimo cammino che le navi de' Portoghesi. Ma per tornare un'altra volta a Colombo, io non credo che per levargli la coniettura de' venti se gli levi la gloria dell'azione sua, perchè le cose già passate in giudicato non si possono cavare del capo alle persone; nè uno storico, per vero che fusse, che scrivesse di Troia diversamente da Omero, farebbe cosa....; e io in particolare sapete quanto ho aiutato ed esortato il nostro Tenero a tentare la sua passata: opera degna, e che ha in se grandezza e meraviglia, e altro che le novelle d' Ulisse. Chè quanto a quel nostro Vespucci, bisogna che si stia con quello che gli cape. Buono sarebbe che l'amorevolezze l'aiutassero; ma di Lisbona aspettare aiuto? ti so dire che tu informerai domane. Non fu mai la più sciagurata gente per serbare loro memorie proprie: pensate quello che faranno, delle straniere. Dico così, scrivendomi il Migliorati che voi l'avevate ricercato di notizie, e che egli era ricorso ad un suo dottore, detto *Quebra sin hoc*, che vuol dire Spezzacampane, il quale gli aveva promesso certa lettera scritta dal Vespucci alla Signoria di Firenze: or vedete se voi siete bene avviato.

Le cose della calamita, mi raccomando a voi, sono senza conto. Che cosa è questa, che 80 leghe a Ponente dell'ultima isola delle Terzere si volta giustamente al polo; in Lisbona declina a Greco più d'una quarta; costà vie più; nella costa del Verzino (in malora sia!) due quarte; di qui dal Capo di Buonasperanza in un Capo che si chiama *das*

de Bavagliaos, e vindos na altura dos Açores com os ventos daquela terra, correm por aquela altura até que deem nas ilhas; e bem frequentemente dão também nos Franceses.

Mas para retornar ao Colombo, que naquele seu descobrimento algum furto tinha de intenção, não tenha dúvida; que, além de qualquer outra observação, o piloto do nosso navio me contava aquilo que ouvi outras vezes, de não sei que história de um homem que morreu, e ficaram os seus papéis na ilha da Madeira, com não sei que outras coisas. E quanto ao retorno das Índias ocidentais, o senhor deve saber que eles não vêm pelo mesmo caminho por onde vão, porque no retorno passam por trás da ilha Espanhola (neste tempo faça-me correr com o papel para navegar): digo a frota da Nova Espanha e aquela de terra firme, as quais passam por aquele canal que Cuba faz com a Flórida; e saindo daquelas baixadas se lançam para o Leste Nordeste (ou se quiser Grego Levante), e vão às Bermudas, onde se juntam com a frota de São Domingo, e aqui com os ventos daquela costa se conduzem ao mesmo caminho que os navios dos Portugueses. Mas para voltar uma outra vez a Colombo, eu não creio que para levar-lhe a conjectura dos ventos se lhos leve a glória de sua ação porque as coisas já passadas por julgamento não se podem tirar da cabeça das pessoas; nem um historiador, por verdadeiro que fosse, que escrevesse de Troia diferentemente de Homero, faria algo....; e eu, particularmente, saiba o quanto ajudei e apoiei o nosso Tenero a tentar a sua sorte: obra digna e que possuí em si grandezza e maravilha, e além das histórias de Ulisses. E quanto àquele nosso Vespúcio, precisa que fique com aquilo que lhe cabe. Bom seria que as amabilidades o ajudassem; mas de Lisboa esperar ajuda? Eu só te digo que nunca as terá. Nunca houve povo mais miserável para conservar as suas próprias memórias: pense naquilo que farão das estrangeiras. Digo assim, escrevendo-me o Migliorati<sup>17</sup> que o senhor havia buscado notícias e que ele havia recorrido a um seu doutor, dito *Quebra sin hoc*, que quer dizer Quebrasinos, o qual lhe havia prometido certa carta escrita por Vespúcio a Senhoria de Florença: agora veja se o senhor está bem arranjado.

As coisas do imã, que tempo perdido,<sup>18</sup> estou sem contas. O que é isso, que 80 léguas no Ponente da última ilha dos Açores se volta justamente ao polo; em Lisboa declina a Greco mais de uma quarta de légua; nessas costa ainda mais;<sup>19</sup> na costa do Brasil

<sup>17</sup> Outro apelido dado a um académico Alterato.

<sup>18</sup> Expressão assim traduzida conforme nota de Marcucci (1855).

<sup>19</sup> Costà: "nella costa", ou seja, "na costa". [n.e].

*Agulhas*, si volta un'altra volta a Tramontana giusta-mente; da quivi in qua tira a Maestro; e 'n questa costa fa differenza tirando pure a Maestro una quarta e mezzo? Andate a rinvenirla voi; e quello che è peggio, nel medesimo meridiano in un'altura fa una differenza, in un'altra un'altra, che non l'intenderebbe Mariano, non che il Nozzolino. Attraversando, o, per dir meglio, passando le Canarie per venire in India, si viene per Mezzogiorno e Tramontana con quell'isole, e passasi tra l'isole di Capoverde e la terraferma, e vassi dritto il più che si può sino in altura di 4 gradi dalla nostra banda, ove si trovano i venti, che chiamano generali, i quali per lo più cominciano a tirare da Scirocco; e con questi bisogna passare l'equinoziale, ponendo la prua per Garbino: e chi si trova più presso alla terra d'Etiopia, e gli danno questi venti, fa miglior navigazione, perchè si trova più a vantaggio: dicono i Portoghesi più *abal de vento*; sopra vento, direbbono i nostri. Nello attraversare la linea tengono conto con uno scoglio, che chiamano il *Penedo de San Pedro*, che chi se lo lascia più a Ponente, ha fatto miglior navigazione, e chi gli passa presso, ha bisogno che Dio lo aiuti. Que' venti scirocchi sogliono andare a Levante, e talvolta a Greco Levante, con li quali si mette la prua a Mezzogiorno, e Mezzogiorno e Scirocco; o si si fa buona navigazione, ch'è si passa presso a quell'isola che domandano di *Martino Vas*. Chi si sta con li Scirocchi, come facemmo noi la prima volta, va a dare nella costa del Verzino: e tanto che se ne ha vista, mi raccomando alla signoria vostra, ch'è a tornare a dietro si ha buon patto. Svernare colà non si può, perchè il re lo proibisce, sendo in quei rii e *Gusani* (come gli chiamano) che rendono le navi innavigabili: e poche svernavano là, che non facessero la mala fine: e'n somma, bene naviga chi più passa discosto dalla costa del Verzino. Ma molti per questo rispetto si pongono tanto col culo nella costa d'Affrica, che dannoli addosso le calmerie, e fannoli perdere il viaggio, come fu per avvenire a noi la seconda volta.

Quanto alla trasmutazione che faccia la linea equinoziale, cotesto doveva essere al tempo di Tiresia, quando il maschio femmina divenne: a me non è accaduto tale, nè alla prima né alla seconda, nè alle quattro volte che io sono passato sotto quella benedetta linea. Ma per la differenza che voi dite trovarsi ne' pepi che vengono di Lisbona, da quelli d'Alessandria, dirò io a V. M.: quelli che andavano a Lisbona da 4 anni indietro, uscivano tutti di questo male avventurate Cocchino, dandogli questo re a' Portoghesi

(em que mal hora!) duas quartas; daqui do Cabo da Boa Esperança em um Cabo que se chama *das Agulhas* se volta outra vez a Vento Norte corretamente; daqui a ali puxa pelo Mistral; e nessa costa faz diferença ao puxar pelo Mistral uma quarta e meia? Venha redescobri-la o senhor; e o que é pior, no mesmo meridiano a uma altura faz uma diferença, em uma outra, faz outra, que não pretendia Mariano, a não ser o Nozzolino. Atravessando, ou para dizer melhor, passando as Canárias para vir à Índia se se vem pelo Sul e vento Norte com aquelas ilhas e se passa entre a ilha de Cabo Verde e a terra firme e se vai em frente o mais que se possa até a altura de 4 graus das nossas bandas, onde se encontram os ventos, que chamam de gerais, os quais geralmente começam a puxar a Siroco,<sup>20</sup> e com esses precisa passar o equinozial, colocando a proa para o Ocidental: e quem se encontra mais em terra da Etiópia e lhes dão esses ventos, faz melhor navegação porque se encontra mais em vantagem: dizem os Portugueses mais *abal de vento*; vento acima, diriam os nossos. Ao atravessar a linha dão-se com um rochedo, que chamam o Penedo de São Pedro, que quem o deixa mais a Poente fez navegação melhor, e quem por ali passa precisa que Deus o ajude. Aqueles ventos sudoestes costumam ir a Levante, e talvez a Grego Levante, com os quais coloca-se a proa a Sul, e Sul e Sudoeste; ou como se faça boa navegação, que se passa por aquela ilha que chamam de *Martino Vas*. Quem se dá com os ventos de Sudoeste, como faziamos nós na primeira vez, vai dar na costa do Brasil: e tanto que se viu disso, digo a Vossa Senhoria que é melhor retornar. Invernar por lá não se pode porque o rei o proíbe, sendo naqueles rios e Vermes (como os chamavam) que deixam os navios inavagáveis: e poucos invernavam lá, que não terminassem mal: e, em suma, bem navega quem mais se distancia da costa do Brasil. Mas muitos a esse respeito colocam-se tanto o traseiro na costa da África, que dão nas calmarias, e os fazem perder a viagem como acabou por acontecer a nós na segunda vez.

Quanto à transmutação que faz a linha equinozial, esta devia estar no tempo de Tirésias,<sup>21</sup> quando o macho fêmea se tornou: para mim não aconteceu isso, nem na primeira nem na segunda, nem nas quatro vezes que eu passei sob aquela bendita linha. Mas pela diferença que o senhor diz se encontrar nas pimentas que vêm de Lisboa, a partir daquelas de Alexandria, direi eu a Vossa Mercê: aqueles que iam a Lisboa 4 anos atrás, saíam todos deste mal aventu-

<sup>20</sup> Vento colateral; vento noroeste.

<sup>21</sup> Tirésias: deus da mitologia grega que foi transformado em mulher por alguns anos até voltar à forma de homem.

da un pezzo in qua per dispetto; e sempre si caricavano de' nuovi colti innanzi al tempo, donde viene il non esser pieni, e nel seccarsi fare molta scorza e avere poca sustanza. Quest' anno ne ho carico fra gli altri seis000 cantara nella costa tra qui e Goa, che mi costa ogni grano un capel bianco; e fra esse ne sono da 4000 cantara, che bene si può riporre il pepe gauro, che non ha che fare con questo in nessun conto. I Mori che lo navigano a Mecca, se lo cavano di questa costa (che ne cavano molto), lo comprano del vecchio, e lo nettano; chè, come va contra bando, costa molto, e non franca la spesa a navigare scorza o polvere; e bene ne cavano di Calicut, ov' egli è più sciaguratello che non è questo di Cocchino assai; ma la maggior parte di quello che va in Alessandria, che domandano gauro, va dall' isola Samatra, e quivi viene dalla Giava d' una terra che chiamano Sunda. E nella Samatra ha un re Moro, il cui regno si dice Dachen, ove vanno i Mori della Mecca a caricare il pepe, che è grosso e buono e 'n sua stazione; e questo è, come io vi dico, il pepe gauro; e se di Lisbona vi mandassero del pepe di Onor, vedreste che non ne ha tale nel mondo come quello.

Nella costa d' Etiopia i Portoghesi hanno la prima fortezza, passata la prima terra de' Mori, che si chiama Arguia, nell' isole di Capoverde; e mi pare che innanzi alla Mina tengano un altro castello nella costa di Malagueta senza più, ma amistà e commercio per tutti quei rii più a basso di Congo, Sumicongo ed Angola, ove vanno di San Tommè e di Lisbona a comprare Negri; e 'n tutti questi rii sono Portoghesi, e molti di quei Negri sono Cristiani soggetti al vescovo di San Tommè, il quale mi diceva in Portogallo che sono molto gentili Cristiani; e 'l Migliorati, che era presente, rispondeva: *Así lo creo yo*. La prima fortezza nel Verzino è sopra Fernambuch verso la linea 7 o 8 leghe, che la presero loro i Francesi. Ma sotto Fernambuch ne sono pure assai a modo loro; e tra l'altre Los Isleos, che sono di Francesco Giraldi, la Baya di Todos los Santos, Porto Seguro e 'l rio di Gennero, e altri luoghi che ora abitano e ora disabitano, perchè que' Negri fanno mal pensare di loro. Da Malacca per Legante abitano un' isola che è nella foce del rio della Cina, che si chiama Macao, e vi sta un vescovo, ma non vi è altra fortezza: chè il re della Cina non è c....., e due o tre volte ha minacciato di cacciarne gli; e come l' anno passato non venne di là la nave solita, si dubita forte che non si sia cavato questa maschera, perchè fecero là non so che insolenza. Basta: sonvi 700 scudi di mio: beneditegli, chè arebbono a tornare adesso fra un mese. Nel Giapan

rado Cochim, dando-lhes este rei aos Portugueses um pedaço daqui por despeito; e sempre se encarregavam dos novos cultivos antes do tempo, de onde vem o não estar cheios e ao secar-se fazer muita cortiça e ter pouca sustança. Este ano tenho carga entre os outros 6000 cântaros na costa entre aqui e Goa, que me custa cada grão um cabelo branco; e entre esse estou a 4000 cântaros, que bem se pode repor a pimenta gauro, que não tem nada a ver com isso em nenhuma conta. Os Mouros que a navegam para Meca, conseguem desta costa (da qual conseguem muito), compram da velha e a limpam; que, como vai em contrabando, custa muito, e não franca a despesa para navegar cortiça ou pólvora; e tiram bastante de Calicute, onde é mais desconsiderado que este de Cochim; mas a maior parte da que vai para Alexandria, que chamam gauro, vai da ilha Samatra e aqui vem de Java de uma terra que chamam Sunda. E em Samatra há um rei Mouro, cujo reino se diz Dachen, onde vão os Mouros da Meca a carregar pimenta, que é grande e boa e na sua estação; e isso é, como lhe digo, a pimenta gauro; e se de Lisboa lhe mandassem pimenta de Onor,<sup>22</sup> veriam que não há como tal no mundo.

Na costa da Etiópia os Portugueses têm a primeira fortaleza, passada a primeira terra dos Mouros, que se chama Arguia, nas ilhas de Cabo Verde; e me parece que diante da Mina haja um outro castelo na costa de Malagueta sem mais nada, mas amizade e comércio por todos aqueles rios abaixo do Congo, Sumicongo e Angola, onde vão de São Tomé e de Lisboa para comprar Negros; e em todos esses rios são Portugueses, e muitos daqueles Negros são Cristãos sujeitos ao bispo de São Tomé, o qual me dizia em Portugal que são muito gentis Cristãos; e o Migliorati, que estava presente, respondia: *Así lo creo yo*. A primeira fortaleza no Brasil fica sobre Pernambuco em direção à linha 7 ou 8 léguas, tomada pelos Franceses. Mas sob Pernambuco são mesmo a modo deles; e entre outras Os Ilhéus, que são de Francesco Giraldi, a Baía de Todos os Santos, Porto Seguro e o Rio de Janeiro, e outros lugares que ora habitam e ora desabitam porque aqueles Negros fazem mal pensar deles. De Malacca por Levante habitam uma ilha que fica na foz do rio da China, que se chama Macao e há um bispo, mas não há outra fortaleza: que o rei da China não está c....., e duas ou três vezes ameaçou os caçar; e como no ano passado não veio o navio que costumava vir, duvida-se fortemente que não se tenha tirado essa máscara porque fizeram lá não sei o que de insolência. Basta: são 700 escudos meus: benditos sejam, que

<sup>22</sup> Antiga aldeia.

non hanno niente, se non amistà: là comandano i padri Gesuiti, fanno la guerra, e pongono i re in istato, e altre cose. La fede di quell'isola è di Gentili, tutta bestialità. La gente è acutissima, bene inclinata, con molto onore, e, come dicono i Portoghesi, trataõ verdade. *Secus* i Cini, cattivi, ladri, falsari, nimici.e che? ogni male. L'isole Molucche avevano un re amico de' Portoghesi, il quale dette loro una fortezza in Tudor, che è l'isola principale, e stava determinato a mandare un suo figliuolo a Goa, perché studiasse la legge cristiana. Venne in talento a un padre della compagnia di Gesù di fare ammazzare questo re, perché i Portoghesi restassero signori di tutte l'isole, e fare i popoli cristiani; e così lo fece porre in opera dal capitano della fortezza, il quale non fu poi bastante a difendersi dal figliuolo del re morto, che prese la fortezza fuggendosi per mare il capitano; e così la tiene, dice, per darla al re di Portogallo, tanto che se gli consegna l'omicida: il quale alla fine era mandato colà in ferri; ma il galeone che lo portava peri, come quasi tutti da questo misfatto in qua, ch'è almeno a Goa non ne torna nessuno, partendosi pure per là ogni anno uno. Tórnanne a Malacca, ma non fanno buono negozio, ch'è i Giavi se ne sono fatti padroni, ancorachè i Castigliani, venuti là dalle Filippine, ne dessero loro *unas pocas*; e 'l galeone di Malucco si parte di Goa, che dovrebbe essere il capo del tratto d' India, ancorché i Portoghesi facciano quello che possono, o con nuovi dazi o con mali trattamenti, per isviarlo. E la contesa delle Molucche fra i Castigliani e' Portoghesi è fornita, ch'è 'l re se ne intitola signore separatamente, quasi che non voglia darle nè all'uno nè all'altro regno; ma vuole che quel tratto venga per qua, perchè i Castigliani, che furono colà, ne portarono a Maniglia, che è metropoli delle Filippine, molti garofani per mandargli a Acapul in nuova Spagna, e 'l re gli fece navigare per Malacca, a pena della testa.

La costa d' India è più orientale che non è Lisbona 96 gradi. Potrete adesso poco più o manco vedere a chi appartengano le Molucche iuridicamenle secondo la divisione fatta da Alessandro VI, facendo conto che nella carta elle stiano poste presso che bene in rispetto di questa costa. Col re di Calicut detto Zamorino, che è titolo di principe, sono stati quasi sempre i Portoghesi in guerra fino all' anno passato, che stracchi cominciarono a trattar pace, che non è per ancora conchiusa; e 'l viceré che va ora a Goa, dovrà cavarne cappa o mantello. La guerra si fa per mare, e pongono i Portoghesi almeno due armate; una da Goa pel Nort, e l'altra da Goa per qua; e questa si chiama l'armata del Malabar. In tutto saranno 60 o 70 fuste e galeotte, senza coperta, con remi scorzili; e di altre particolari in tutta la costa, che in una necessità si fanno preste, arà opera di 150 altre fuste; e

deveriam voltar agora dentro de um mês. No Japão não têm nada, a não ser amizade: lá comandam os padres Jesuítas, fazem guerra e colocam o rei em estado e outras coisas. A fé daquela ilha é de Gentis, toda bestialidade. As pessoas são pungentíssimas, bem inclinadas, com muita honra e, como dizem os Portugueses, *tratão* verdade. *Secus* os Chineses, ruins, ladrões, falsários, inimigos. E quê? Tudo mal. As ilhas Molucas tinham um rei amigo dos Portugueses, o qual deu a eles uma fortaleza em Tudor, que é ilha principal e estava determinado a mandar um filho seu a Goa para que estudasse a lei cristã. Veio em talento um padre da Companhia de Jesus para matar esse rei para que os Portugueses ficassem senhores de todas as ilhas e tornar os povos cristãos; e assim o fez colocar em obra pelo capitão da fortaleza, o qual não fora, pois, suficiente a defender-se do filho do rei morto, que tomou a fortaleza fugindo por mar o capitão; e assim a possui, diz, para dá-la ao rei de Portugal tanto que se lhe entrega o homicida: o qual no fim era mandado derramado em ferros; mas o galeão que lhe levava pereiras, como quase todos deste crime aqui que ao menos em Goa não volta ninguém, partindo para lá todo ano um. Voltam a Malaca, mas não fazem bom negócio que os Javaneses fazem-se patrões ainda que os Castelhanos vindos das Filipinas dessem a eles *unas pocas*; e o galeão de Maluco parte para Goa, que deveria ser o chefe do tratado da Índia, ainda que os Portugueses façam aquilo que possam ou com os novos dácios ou com maus tratamentos para desviá-lo. E o certame das Molucas entre Castelhanos e os Portugueses é executado, de modo que o rei se intitula senhor separadamente quase que não lhe quis dar nem a um nem a outro reino; mas quer que aquele tratado venha para cá porque os Castelhanos, que foram acolá, de lá trouxeram a Manila, que é metrópole das Filipinas, muitos cravos para lhe mandar a Acapulco na Nova Espanha, e o rei o fez navegar para Malaca, em ameaça a sua cabeça.

A costa da Índia é mais oriental que Lisboa em 96 graus. Poderá agora pouco mais ou menos ver a quem pertencem as Molucas juridicamente, segundo a divisão feita por Alexandre VI, fazendo de conta que no mapa elas estejam postas bem por esta costa. Com o rei de Calicute dito Samorim, que é título de príncipe, foram quase sempre os Portugueses em guerra até o ano passado, que exaustos começaram a tratar da paz, que ainda não se concluiu; e o vice-rei que agora vai a Goa deverá conseguir capuz ou manto. A guerra é feita por mar, e põem os Portugueses ao menos duas armadas; uma de Goa pelo Norte e outra de Goa para cá; e esta se chama a armada do Malabar. Ao todo serão 60 ou 70 fustas e galeotas, sem cobertura, com remos de cortiça; e de outros particulares

in Goa sono 3 galere al tutto. Del Presto Giovanni non ci viene ambasciata; del commercio è piccolo il caso suo, e di poca levata, chè quel suo oro non si vede, e lo vuole per se. Ben sapeete che queste fuste non hanno altra faccenda che impedire i Mori perchè non portino spezierie alla Mecca; ma la grascia di quel santo può molto più che voi e io non possiamo. De' Gentili se ne fanno cristiani ad ogni ora, ma in buona fe che si guadagna poco co' casi loro. E pure ieri un padre Spinola mi disse che da qui al Capo di Comorino ne ha diciassette o diciottomila alle spalle, ma sono cristianacci. De' re ve ne sono pochi qui de' cristiani, o nessuno. Nel Giapan ne sono, ma quanti non so. Con li vicini stanno anzi male che bene, e spesso spesso vengono a rottura; e come sia guerra, dietro al muro *salvus est*: e per lo contrario i Gentili in mare non fanno guerra, se non come corsali, e rubano tanto, che se tanto guadagnaste voi in un anno, scusereste il durar più fatica. Il Persiano è amico, e con questa armata passa un ambasciador suo a Portogallo. Chiamano il detto re di Persia il Scia Tamas, donde dicono venire scacco matto. Un viceré solo comanda all' India tutta da Mozambique sino a Malacca; ma i capitani gli dispaccia il re, e la residenza della sua corte è in Goa. Dal Capo di Buonasperanza per Mezzogiorno non si è veduto terra da quella in qua che veddero quei pappagalli: *unde psittacorum regio*.

Sommi abbattuto ad una penna temperata in modo, che scrive correntemente senza molta fatica: altrimenti de' vostri quesiti mal soluti non avevi per adesso altra informazione. Dico questo per trapassare fuori de' quesiti ad altri propositi, perchè di quelle navigazioni così australissime come settentrionalissime

me ne riferisco volentieri a Olao Magno, per non morirmi di freddo in leggerle, non che cercarle. La stanza mia (dacché voi me ne domandate) è parte in Goa, e parte qui in Concino, e parte in mare: ché bisogna andare di su e di giù, visitando questi luoghi dove la *pimenta* si raguna; favellare a questi re di scacchi, e dare loro sempre del buono; e si andare consumando la vita sua su per queste fuste, che è, vi prometto, un

esercizio da cani. A Malacca non ho pensato unto. Sarà quel che Dio<sup>24</sup>. . . . . Di Coccino, 1585.

em toda a costa que em uma necessidade se contratam haverá obra de 150 outras fustas; e em Goa são 3 galeras ao todo. Do Padre Giovanni<sup>25</sup> não vem embaixada; quanto ao comércio é pequeno o seu caso, e de pouca monta, que aquele seu ouro não se vê e o quer para si. Bem sabe o senhor que estas fustas não têm senão função de impedir os Mouros para que não levem especiarias a Meca; mas a graça daquele santo pode muito mais que você e eu. Dos Gentis se os tornam cristãos a toda hora, mas em boa fé que se ganha pouco com os casos deles. E bem ontem um padre Spinola me disse que daqui até o Cabo de Comorino há dezessete ou dezoito mil nas costas, mas são cristãozinhos. Do rei há poucos aqui cristãos, ou ninguém. No Japão existem, mas quantos não sei. Com os vizinhos estão mais para mal do que para bem e frequentemente vêm em partes; e como é guerra, atrás do muro *salvus est*: e ao contrário, os Gentis no mar não fazem guerra, se não como corsários e roubam tanto que se tanto você ganhasse em um ano, desculparia o durar tanto esforço. O Persa é amigo e com esta armada passa um embaixador seu para Portugal. Chamam o tal rei da Pérsia o Scia Tamas, de onde dizem vir o xequemate. Um vice-rei somente comanda a Índia toda de Moçambique até Malaca; mas os capitães desagradam ao rei, e a residência da sua corte fica em Goa. Do Cabo de Boa Esperança para o Sul não se viu terra daquela para cá que viram aqueles papagaios: *unde psittacorum regio*.

Estou abatido como um lápis apontado que escreve correntemente sem muito esforço: caso contrário quanto aos seus quesitos mal solucionados não havia por ora outra informação. Digo isso para expressar alguns quesitos a outros propósitos porque daquelas navegações tão australíssimas como setentrionalíssimas me refiro a Olao Magno para não morrer de frio ao lê-las, além de buscá-las. A minha permanência (desde que senhor me perguntou) é em parte em Goa e em parte aqui em Cochim e em parte no mar porque precisa ir de lá para cá visitando esses lugares onde a pimenta se encontra; discursar a esses reis de xadrez e dar-lhes sempre do bom; e ir consumindo a vida por estas fustas o que é, lhe prometo, um exercício do cão. Em Malaca não pensei em nada. Será aquilo que Deus.....

De Cochim, 1585.

<sup>24</sup> "Sarà quel che Dio...Reco la lezione del manoscritto, e non ci metto su né sal né aceto: Sarà lo che Dio quiscer (?) da ogni poco dolente."

<sup>25</sup> Também chamado "Prete Gianni", ou Padre Giovanni.

## COMENTÁRIOS DE TRADUÇÃO

Como foi dito no início deste estudo, na carta aqui apresentada Sasseti dedica-se a falar sobre a navegação e os diferentes tipos de ventos, sobre a viagem de Colombo e Vespúcio; variações do ímã, cuidados a serem tomados na navegação para a Índia, comércio de pimenta e dos fortes e armadas dos portugueses na Índia, bem como do alerta em relação à costa brasileira, considerada perigosa por conta de suas águas rasas.

Se por um lado o objetivo da tradução comentada é “mostrar o processo de tradução para entender as escolhas e estratégias de tradução do tradutor e analisar os efeitos ideológicos, políticos, literários, etc. dessas decisões” (Torres, 2017, p. 18), por outro, sabemos que não seria possível comentar/analisar todos os aspectos, motivo pelo qual escolhemos comentar algumas características que chamamos *marcadores temporais*, e dentro dos quais incluímos formas de tratamento, ortografia, questões de léxico (nomes próprios, neologismos/estrangeirismos, palavras e expressões próprias da navegação) e, por fim questões estilístico-sintáticas, que dizem respeito à estrutura das sentenças e estilo do autor.

Podemos aferir que o tempo é um elemento bastante marcante em uma tradução, visto que quanto mais distante cronologicamente o texto de partida está, maiores tendem a ser as diferenças linguísticas e culturais. Para o/a tradutor/a, *modernizar* ou *arcaizar* uma tradução se torna uma escolha, e neste caso, como foi dito, procuramos marcar o valor temporal do texto mantendo elementos que são marcas temporais bastante expressivas, tais como formas de tratamento, ortografia, algumas formas escritas de palavras e expressões, além de emprego de certos vocábulos em determinados contextos e da própria sintaxe do texto.

Em relação às formas de tratamento, destacamos o uso do pronome pessoal “voi” [vós]. Sasseti escreve a seus destinatários, e nesta carta especificamente a Michele Saladini, utilizando-se da 2ª pessoa do plural [vós] ou “voi” em italiano, como no exemplo:

<i>Voi credete bene voi che io mi ricordi di quello che io scrissi al Buonamico, a proposito de' venti e del Colombo:</i>	<i>O senhor acredita bastante, o senhor, pelo que me lembre daquilo que eu escrevi ao Buonamico a respeito dos ventos e de Colombo:</i>
---	---

Decidimos traduzir “Vós” para “o senhor”, bem como seu derivado “lhe”, pois “Voi” pode ser considerado um termo de tratamento respeitoso e ao mesmo tempo denotar certa intimidade para com o interlocutor (Garzanti, 2015). Foi descartado o uso de “tu” ou “você”, formas de tratamento entre amigos, por entendermos que esses termos seriam demasiadamente informais, enquanto “Vós” não foi cogitado porque soaria estranho demais aos ouvidos do/a leitor/a brasileiro/a, indicando excesso de formalidade, o que não parece ter sido a intenção do autor (Görski; Coelho, 2009). Andrade contribui com o tema de não utilizar o pronome “vós” na tradução para o português:

tanto os gramáticos quanto as editoras consideram o pronome ‘vós’ em pleno desuso na língua portuguesa do Brasil, e investigações me levaram a saber que o pronome de tratamento ‘vós’ fora pouco usado no Brasil inclusive nos séculos passados, quando aqui se usava sobretudo ‘vosmecê’ (que ao longo dos anos teria adquirido a forma ‘você’). De modo que certa familiaridade que temos com este uso pronominal hoje em dia se deve muito mais à persistência do ensino da conjugação da segunda pessoa do plural na pessoa

do ‘vós’, seguindo a norma culta, e eu arriscaria dizer, às traduções teatrais, poéticas e sobretudo bíblicas, nas quais o fiel se dirige sempre à figura de “Deus”, ou do “Pai”, com respeito e adoração por algo superior designado pelo pronome ‘vós’ (2005, p. 355).

Esse pensamento corrobora com o fato da escolha na tradução realizada das cartas sassettianas não se utilizar do pronome de 2ª pessoa do plural, pensando, como já destacado, na legibilidade dos textos. De todo modo, é importante ressaltar que, mesmo um leitor italiano necessitaria de um glossário para melhor compreender as cartas deixadas pelo mercador-escritor visto existirem muitas palavras e expressões oriundas de áreas diversas, como a náutica ou até mesmo com ligações com outras obras literárias, o que necessitaria de notas explicativas, como o fez Marcucci na edição aqui utilizada como texto de partida, além de Dei, na sua edição de 1995. Notas e glossário seriam muito úteis para a total compreensão da obra, e num futuro projeto de publicação integral das cartas essa ideia será considerada.

Outro aspecto que a nosso ver caracteriza o marco temporal do texto é a linguagem empregada pelo autor, carregada de informações de variados tipos, tais quais sobre navegações, compra, venda, exportação, importação, mercadorias diversas, preços, câmbios, com frequentes citações de nomes como Dante, Petrarca e Boccaccio. Portanto, como já foi mostrado aqui, é uma escrita variada, indo desde expressões complexas de marinharia até citações (também complexas) de cânones da literatura italiana. Essa linguagem diz muito sobre a formação de Sassetti, que na Itália humanista deteve-se no estudo dos clássicos da literatura e da filosofia natural, e sobre os assuntos/acontecimentos mais evidentes no seu tempo – não podemos esquecer o impacto que a corrida por novas rotas de comércio provocou nas nações envolvidas, sobretudo naquelas que patrocinaram as viagens pelo mundo. A linguagem de Sassetti pode ser vista como um cruzamento de várias fontes e modelos marcados pelos interesses de seu tempo.

No que diz respeito ao uso de nomes próprios na carta aqui analisada, é possível elaborar um notável elenco de palavras: o autor cita desde nomes de pessoas até nomes de cidades e países, alguns (se não a maioria) com a grafia arcaica. Os nomes de pessoas também marcam a temporalidade, mas foram mantidos conforme apresentados em italiano, e os nomes de lugares foram traduzidos conforme a norma portuguesa atual.

Em alguns momentos, Sassetti utilizou-se de palavras ou expressões em língua estrangeira, que foram mantidas na tradução, grafadas em itálico. É o caso, por exemplo, das expressões latinas *si credere dignum est*, *Quebra sin hoc* e *unde psittacorum régio*, e espanholas *unas pocas*; *Así lo creo yo*. Sassetti parecia conhecer a língua espanhola melhor do que a portuguesa, apesar de ter estado por um tempo maior em Lisboa. A ideia da conservação da expressão conforme o texto de partida é uma escolha de estilo também almejando manter alguns traços da escrita do autor.

Outra situação particular dos textos de Sassetti é o uso de palavras e expressões relacionadas à navegação, que na carta aqui traduzida se faz muito presente. Compreender o que significa um tipo de vento ou como está o mar não é conhecimento comum e, como já citado, Sassetti pode ser considerado um dos primeiros geógrafos da história. Portanto, a compreensão e consequente tradução de alguns termos foi desafiador. Maestro, Tramontana, Greco, Fusta, são alguns exemplos do vocabulário de Sassetti que requereram bastante pesquisa para a compreensão e respectiva tradução. Venuti afirma que a tradução é também uma forma de erudição, pois, segundo ele, “tanto a tradução quanto a erudição dependem da pesquisa histórica nas suas representações de um texto arcaico ou estrangeiro, mas nenhuma das duas pode produzir uma representação que seja completamente adequada à intenção do autor” (2019, p. 92). O teórico diz que tanto uma quanto a outra



fazem um trabalho de reinvenção do texto para uma dita comunidade cultural diferente daquela onde havia sido inserido o texto de partida, inclusive com objetivos distintos.

Por fim, consideramos também os aspectos estilístico-sintáticos como efeito da formação do autor e das atividades marítimo-comerciais que ele desempenhou. Entre tais aspectos estilístico-sintáticos aqui analisados queremos destacar a presença de extensos parágrafos com assuntos variados. A carta aqui traduzida é endereçada a um amigo mercador, ou seja, pelo certo grau de intimidade entre remetente e destinatário não parece haver grandes preocupações em relação à ordem dos assuntos, de modo que a escrita adquire características de fluxo de pensamento, em que as ideias vão sendo percorridas à medida que a escrita vai tomando forma. Chama-nos atenção, de modo especial, o fato de Sassetti, por diversas vezes, fazer uso de expressões descritivas para falar sobre determinado item ou costume, faltando-lhe palavras em sua língua materna para escrever seu texto. Se a carta inicia com a descrição dos ventos, a certo ponto ganha destaque a descrição de usos e costumes de povos pouco conhecidos do mundo europeu da época, e no trecho a seguir vemos como salta do Japão à China e à Índia em um mesmo parágrafo:

*Nel Giapan non hanno niente, se non amistà: là comandano i padri Gesuiti, fanno la guerra, e pongono i re in istato, e altre cose. La fede di quell'isola è di Gentili, tutta bestialità. La gente è acutissima, bene inclinata, con molto onore, e, come dicono i Portoghesi, trataõ verdade. Secus i Cini, cattivi, ladri, falsari, nimici.e che? ogni male. L'isole Molucche avevano un re amico de'Portoghesi, il quale dette loro una fortezza in Tudor, che è l'isola principale, e stava determinato a mandare un suo figliuolo a Goa, perché studiasse la legge cristiana.*

*No Japão não têm nada, a não ser amizade: lá comandam os padres Jesuítas, fazem guerra e colocam o rei em estado e outras coisas. A fé daquela ilha é de Gentis, toda bestialidade. As pessoas são pungentíssimas, bem inclinadas, com muita honra e, como dizem os Portugueses, tratão verdade. Secus os Chineses, ruins, ladrões, falsários, inimigos. E quê? Tudo mal. As ilhas Molucas tinham um rei amigo dos Portugueses, o qual deu a eles uma fortaleza em Tudor, que é ilha principal e estava determinado a mandar um filho seu a Goa para que estudasse a lei cristã.*

Ainda que não poucas vezes o ritmo acelerado da escrita possa trazer a impressão de que algo foi perdido na tradução, ou pelo menos não aprofundado, procuramos manter a mesma estrutura, conscientes de que o uso de outras ferramentas, como notas para complementar, comentar e ou explicar o texto, terá grande utilidade na tradução das demais cartas. Note-se, por exemplo, a presença de sinais gráficos como reticências [...], que indicam a supressão de palavras ou talvez expressões e frases no original. Por vezes as frases são mais extensas, compostas por orações que se concatenam sucessivamente, e nesses casos buscamos construir um texto que mantivesse a estrutura do texto de partida, mas que ao mesmo tempo não comprometesse a legibilidade. Traduzir Sassetti é, portanto, um experimento que corrobora com as reflexões de Eco e Venuti sobre tradução e crítica, tradução e erudição (2014, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentarmos uma possível tradução de uma das cartas de Sassetti e esses breves comentários sobre o processo tradutório, buscamos oferecer ao público leitor a possibilidade de visualizar o mundo sob a ótica eurocêntrica do narrador, que nos oferece as experiências por ele

vívidas, as formas de organização da sociedade e da economia e comércio, e ao mesmo tempo crítico de seu próprio tempo e lugar.

Como agente dos Medici, Sasseti exerceu com maestria o cargo de correspondente de uma das famílias mais influentes da península itálica: em suas missivas seguiam informações de estratégia militar e política sobre o povo com o qual (con)vivia o mercador florentino. Além disso, com grande conhecimento em botânica, Sasseti era estratégico, também, para os Medici, que tinham interesse no comércio de especiarias bem como ampliar o conhecimento a respeito das plantas e demais produtos que surgissem no Oriente e que poderiam ter alguma importância para seus negócios.

As possibilidades de estudo e compreensão de seu epistolário estão longes de serem esgotadas, e não foi certamente essa a nossa intenção aqui, até porque, sendo ele um homem das letras do *Cinquecento* italiano, período em que o mundo via nascerem ideias, nações, povos aos olhos do mundo, representa e descreve o Novo Mundo ao Velho Mundo, com suas novas terras, novos povos, religiões e costumes que muito ampliaram o horizonte da cultura europeia e que continuam ainda hoje a moldar nosso pensamento e nos influenciar.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. A. da S. *Cartas de Roma (1822-1823)*: tradução comentada das missivas de Giacomo Leopardi para o português. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis/Siena, 2015.
- BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Helène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2. ed. Florianópolis/ Tubarão: PGET/ Copiart, 2013.
- BLIKSTEIN, I. Indo-europeu, linguística e... racismo. *Revista USP*, v, 14, p. 104-110, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i14p104-110>. Acesso em: 25 out. 2019.
- BLOCKER, D. Le lettré, ses pistole et l'académie: comment faire témoigner les lettres de Filippo Sasseti, accademico Alterato? *Littératures Classiques*, n. 71, p. 29-66, 2010.
- BOUTIER, J. Les habits de l'«Indiatico». Filippo Sasseti entre Cochin et Goa (1583-1588). Découvertes et explorateurs. *Actes du Colloque International*, Bordeaux, 12-14 juin 1992, 1994, Paris: France, 1994. p.157-166.
- BREGE, B. A Florentine humanist in India: Filippo Sasseti, Medici agent by annual letter. In: FINDLEN, P. *The Renaissance of letters*. Oxon: Routledge, 2020.
- BREGE, B. *The empire that wasn't: the grand duchy of Tuscany and Empire, 1574-1609*. 2014. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Stanford, Stanford, 2014.
- BRUSCOLI, F. G. Da comprimari a protagonisti: i fiorentini in Portogallo nel Basso Medioevo (1338-1520). *eHumanista*, 38, v. 18, p. 65-82, 2018.
- CUNHA, P. C. R. da R. de M. Apontamentos teóricos sobre Literatura de Viagens. *Caracol*, v. 3, p. 152-173, 2012.
- DEI, A. *Lettere dall'India (1583-1588)*. Padova: Salerno Editrice, 1995.

- DORÉ, A. Cristãos na Índia no século XVI: a presença portuguesa e os viajantes italianos. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 311-339, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14002.pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.
- ECO, U. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. *Work. Pap. Linguística*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 73-91, jan./jun. 2009.
- HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLANDA, S. B. de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1990.
- MILANESI, M. *Filippo Sassetti*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1973.
- PATOTA, G. *Il Garzantino di Italiano*. Varese, 2015.
- SASSETTI, F. *Lettere edite e inedite di Filippo Sassetti (a cura di Ettore Marcucci)*. Florença: Felice Le Monnier, 1855.
- SASSETTI, F. *Lettere da vari paesi*, a cura di BRAMANTI. Milano: Longanesi, 1970.
- SCHEMES, E. F. *Oswaldo Cabral na terra da liberdade: relato de uma viagem na vigência da política de boa vizinhança*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- TESI, R. *Storia dell'Italiano: la formazione della lingua comune dalle fasi iniziali al Rinascimento*. Bologna: Zanichelli, 2012.
- TORRES, M.-H. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, L. F. de; TORRES M.-H.; COSTA, W. (org.). *Literatura traduzida*. Tradução comentada e comentários de tradução. Fortaleza: Substância, 2017. p. 15-35. (Coleção TransLetras, v. 2).
- VENUTI, L. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Valéria Biondo, Marleide Dias Esqueda, Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela. São Paulo: Unesp, 2019.

#### Site

<https://www.iccu.sbn.it/it/>. Acesso em: 3 fev. 2023.